

Obras de Franz Kafka:

Descrição de uma luta (1904)
Preparativos para um casamento no campo (1907)
Contemplação (1912)
O desaparecido (ex America) (1912)
O Joguista (1912)
O veredicto (1912)
A metamorfose (1912)
O processo (1914)
Na colônia penal (1914)
Narratius do espólio [coleção elaborada por Modesto Carone] (1914-24)
Carta ao pai (1919)
Um médico rural (1919)
O castelo (1922)
Um artista da fome (1922-24)
A construção (1923)

A Companhia das Letras iniciou em 1997 a publicação das obras completas de Franz Kafka, com tradução de Modesto Carone.

FRANZ KAFKA

NARRATIVAS DO ESPÓLIO (1914-1924)

Tradução e posfácio:
MODESTO CARONE

O CAÇADOR GRACO

Dois meninos estavam sentados na amurada do cais jogando dados. Um homem lia um jornal na escadaria de um monumento, à sombra do herói que brandia o sabre. Uma jovem enchia o balde de água na fonte. Um vendedor de frutas estava estendido ao lado de sua mercadoria e olhava para o mar. No fundo de uma taverna viam-se dois homens tomando vinho, através dos buracos vazios da porta e da janela. O taverneiro estava sentado a uma mesa adiante e cochilava. Uma barca balançava suavemente, como se fosse levada sobre as águas ao pequeno porto. Um homem de blusão azul saltou para a terra e puxou o cabo pelas argolas. Outros dois homens de casacos escuros com botões de prata transportavam atrás do barqueiro um esquite sobre o qual era evidente que jazia um ser humano, debaixo de um grande tecido de seda estampado de flores e provido de franjas.

No cais ninguém prestou atenção nos recém-chegados, mesmo quando eles depositaram o ataúde para aguardar o barqueiro, que ainda manipulava os cabos; ninguém se aproximou, ninguém perguntou nada a eles, ninguém os olhou mais detidamente.

O barqueiro foi retardado mais um pouco por uma mulher que, com uma criança ao colo, cabelos desfeitos, apareceu naquele momento no molhe. Aí o barqueiro veio, apontou para uma casa amarelada, de dois andares, que se erguia retilínea, à esquerda, perto da água; os carregadores levantaram a carga e a transportaram pelo portão baixo, mas feito de colunas esguias. Um rapazinho abriu uma janela, conseguiu ainda ver como o grupo desaparecia na casa, e voltou a fechar rápido a janela. Em seguida, o portão também foi fechado; era de carvalho escuro cuidadosamente enlathado. Um bando de pombas, que até aquele instante havia voado em volta da torre do relógio, baixou então até a praça diante da casa. Como se sua comida fosse conservada na casa, as pombas se reuniram frente à porta. Uma delas voou até o primeiro andar e bicom o vidro da janela. Eram aves de cores claras, bem tratadas, vivazes. Da barca, com um grande ímpeto, a mulher atirou grãos para elas, que os recolheram e depois voaram na sua direção.

Um homem de cartola e tarja de luto desceu por uma das ruazinhas estreitas, fortemente inclinadas, que davam para o porto. Olhou em torno com atenção; tudo o que preocupava; a visão de sujeira num canto o fez contorcer o rosto. Nôs degraus do monumento havia cascas de fruta; ao passar por elas atirou-as para baixo com a bengala. Ao chegar à taverna, bateu na porta; ao mesmo tempo tirou a cartola com a mão direita, coberta por uma luva preta. Abriram logo, e pelo menos cinquenta meninos formaram alas no longo corredor, inclinando-se em sinal de reverência.

O barqueiro desceu a escada, saudou o senhor, le-

vou-o para cima; no primeiro andar deu com ele uma volta no pátio circundado por pórticos graciosos, de construção leve, e os dois entraram — enquanto os rapazes, em respeitosa distância, se apinhavam — num espaço frio, grande, no lado posterior da casa, diante da qual já não havia construção alguma; apenas uma falésia nua, cinza-escura, podia ser avistada. Os transportadores estavam ocupados em pôr em pé e acender, na cabeceira do esquife, algumas velas compridas, mas com isso não se fez luz; a única coisa que se conseguiu foi que as sombras, que antes estavam quietas, ficassem agitadas, bruxuleando sobre as paredes. O pai não havia sido retirado da essa. Ali jazia um homem de cabelo e barba selvagemmente revoltos, pele bronzeada, semelhante talvez a um caçador. Estava imóvel, aparentemente sem respirar, de olhos cerrados, embora só o meio ambiente desse a entender que talvez fosse um morto.

O senhor aproximou-se do palanquim, colocou uma mão sobre a testa daquele que jazia ali, ajoelhou-se e rezou. O barqueiro fez um aceno para os transportadores deixarem o lugar; eles saíram, afastaram os meninos que tinham se reunido fora e fecharam a porta. Mas nem mesmo esse silêncio pareceu suficiente para o senhor, ficou o barqueiro, este compreendeu e entrou no aposento contíguo por uma porta lateral. Imediatamente o homem que estava no esquife abriu os olhos, voltou o rosto para o senhor com um sorriso doloroso e disse:

— Quem é o senhor?

O senhor ergueu-se, sem se espantar mais visivelmente, de sua posição ajoelhada e respondeu:

— O prefeito de Riva.

O homem que estava na essa acenou a cabeça, apontou com fraqueza o braço para uma cadeira e disse, depois que o prefeito atendeu ao seu convite:

— Eu já sabia, senhor prefeito, mas no primeiro momento sempre esqueço tudo; fica tudo dando voltas e é melhor que eu pergunte, mesmo sabendo de todas as coisas. Provavelmente o senhor também sabe que sou o caçador Graco.

— Certamente — disse o prefeito. — Ontem à noite me anunciaram sua chegada. Fazia muito tempo que dormíamos, então por volta da meia-noite minha mulher bradou: "Salvatore!" — é esse meu nome — "veja a pomba na janela!". Era de fato uma pomba, mas grande como uma galinha. Voou até o meu ouvido e disse: "Amanhã chega o caçador morto Graco, receba-o em nome da cidade".

O caçador assentiu com a cabeça e insinuou a língua entre os lábios:

— Sim, as pombas vêm voando antes de mim. O senhor cre, senhor prefeito, que devo ficar em Riva?

— Isso eu ainda não posso dizer — respondeu o prefeito. — O senhor está morto?

— Sim — disse o caçador. — Como o senhor vê, estou morto. Há muitos anos, devem ser descomunalmente muitos anos, caí na Floresta Negra — ela fica na Alemanha — de um penhasco quando perseguia uma camurça. Desde então estou morto.

— Mas o senhor também vive — disse o prefeito.

— Num certo sentido, sim — disse o caçador. — Num certo sentido estou vivo também. Meu barco fi-

nebre errou o caminho, uma volta equivocada do leme, um instante de desatenção do piloto, um desvio através da minha pátria maravilhosa, não sei o que foi, só sei que permaneci na Terra e que meu barco, desde então, navega por águas terrenas. Assim é que eu, que queria viver só nas montanhas, viajo, depois de minha morte, por todos os países da Terra.

— E não tem parte alguma no Além? — perguntou o prefeito com a testa franzida.

— Estou sempre na grande escada que leva para o alto — respondeu o caçador. — Fico dando voltas por essa escadaria infinitamente ampla, ora para cima, ora para baixo, ora à direita, ora à esquerda, sempre em movimento. O caçador tornou-se uma borboleta. Não ria.

— Não estou rindo — defendeu-se o prefeito.

— Muito ajudado — disse o caçador. — Estou sempre em movimento. Mas, se tomo o impulso máximo e lá em cima já se ilumina para mim o portal, acordo no meu velho barco, encalhado em alguma água terrena, desolado. O erro fundamental da minha morte naquela época gira por meu camarote, sorrindo-me sardônico. Júlia, a mulher do barqueiro, bate à porta e traz até a minha essa a bebida matutina do país ao longo de cuja costa estamos navegando. Estou estendido num catre de madeira, visto — não é um prazer me contemplar — uma mortalha suja; o cabelo e a barba, grisalhos e pretos, emaranham-se mutuamente; minhas pernas estão cobertas por uma grande mania feminina, de seda, estampada de flores, de franjas longas. À minha cabeceira uma vela de igreja me ilumina. Na parede à minha frente há um pequeno quadro, evidentemente

de um bosquímano, que aponta para mim com uma lança e se esconde o mais que pode atrás de um escudo fantásticamente pintado. Nos navios a pessoa encontra várias imagens estúpidas, esta é uma das mais estúpidas. Fora isso, minha jaula de madeira está totalmente vazia. Por uma escotilha da parede lateral entra o ar quente da noite meridional e ouço a água batendo de encontro ao velho barco. Desde então permaneço aqui estendido — desde aquela vez em que eu, o ainda vivo caçador Graco, perseguindo em sua terra, na Floresta Negra, uma camurça, sofreu uma queda. Tudo seguia uma ordem. Eu estava perseguindo, cá, saí, saí, saí num barranco, morri, e esta barca deve me transportar para o Além. Ainda me lembro com que alegria me estendi pela primeira vez neste catre. Nunca as montanhas ouviram de mim um canto como, na ocasião, estas quatro paredes ainda crepusculares.

Tinha vivido com prazer e morrido com gosto; antes de subir a bordo atirei longe de mim a parafernália da espingarda, da alçibetira, das outras armas de caça, que eu sempre levava com orgulho, e enfei-me na mortalha como uma jovem no vestido de casamento. Aqui fiquei esticado, esperando. Foi então que aconteceu o infortúnio.

— Um triste destino — disse o prefeito com a mão levantada num gesto de autodefesa. — E não tem culpa alguma nisso?

— Nenhuma — disse o caçador. — Eu era caçador, por acaso isso é alguma culpa? Estava estabelecido na condição de caçador na Floresta Negra, onde na época ainda havia lobos. Ficava à espreita, atirava, acertava

va, arrancava a pele, isso é culpa? Meu trabalho era abençoado. "O grande caçador da Floresta Negra", diziam. Isso é culpa?

— Não fui chamado para decidir a esse respeito — disse o prefeito. — Mas a mim também parece não existir nenhuma culpa. Porém, de quem ela é?

— Do barqueiro — disse o caçador. — Ninguém vai ler o que aqui escrevo, ninguém virá me ajudar; se fosse colocada como tarefa me ajudar, todas as portas de todas as casas, todas as janelas ficariam fechadas, todas as pessoas permaneceriam em suas camas, as cobertas puxadas sobre as cabeças, a Terra inteira um albergue noturno. Faz sentido, pois ninguém sabe de mim; e, se soubesse de mim, não saberia do meu paradeiro e sendo assim não saberia como me reter ali, não saberia como me ajudar. O pensamento de querer me ajudar é uma doença e deve ser curada na cama. Disso eu tenho consciência e por isso não grito pedindo ajuda, mesmo que, por momentos — exaltado como estou, como agora, por exemplo —, pense muito a sério em fazê-lo. Mas sem dúvida basta, para expulsar esses pensamentos, olhar ao meu redor e tomar ciência de onde estou e — posso com certeza afirmá-lo — onde habito faz séculos.

— Extraordinário — disse o prefeito —, extraordinário. E cogita em permanecer conosco em Riva?

— Não penso nisso — disse o caçador rindo e, para neutralizar o tom de escárnio, colocou a mão sobre o joelho do prefeito. — Estou aqui, mais que isso não sei, mais que isso não posso fazer. Meu barco não tem leme, navega com o vento que sopra nas regiões inferiores da morte.

DURANTE A CONSTRUÇÃO DA MURALHA DA CHINA

A muralha da China foi terminada no seu trecho mais setentrional. A construção avançou do sudeste e do sudoeste e ali se uniu. Esse sistema de construção por partes também foi seguido em ponto menor dentro dos dois grandes exércitos de trabalho, o exército do leste e o exército do oeste. Sucedeu assim que foram formados grupos de aproximadamente vinte trabalhadores que precisavam erguer uma muralha parcial de cerca de quinhentos metros de comprimento, enquanto um grupo vizinho construía em sua direção outra muralha do mesmo comprimento. Mas depois de completada a união não se prosseguiu mais a construção no final desses mil metros; em vez disso os grupos de trabalhadores foram deslocados para regiões totalmente diferentes visando à construção da muralha. Desse modo surgiram naturalmente muitas brechas grandes que só foram preenchidas de maneira gradativa e vagarosa, algumas delas só depois que já tinha sido anunciada a conclusão da muralha. Sem dúvida devem existir brechas que não foram absolutamente cobertas — para muitos, bem maiores que as partes construídas —,